

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Exposição: Exílio e literatura: fronteira, tradução e identidade.

Juan Villoro é escritor, tradutor, jornalista e o professor da universidade, pode ser considerado um dos intelectuais mexicanos mais ativos dos últimos tempos. A novela “El testigo” (2004; 2007) é a terceira que publicou e é essa que nós selecionamos como nosso objeto de estudo. Com a análise da novela nós procuramos doar conhecimentos no assunto do exílio na literatura.

Durante a tarefa investigativa, empreender a leitura desde o simbólico nos fez desenhar conexões entre as variáveis de “viagem” e “identidade”. Ao sair de viagem, é preciso deixar – pelo menos por um tempo-, um conjunto de elementos que fazem ao arraigo de uma pessoa em um território: bens, afeição, espaços, história, etc. Em termos dos semióticos, esta viagem é equivalente à mudança de semiosfera. Se trata de um deslocamento que implica para cruzar fronteiras, que representa uma zona da tensão entre a perda e a recuperação do espaço que constitui a identidade. No meio destes processos um torna-se favorável e necessário o contato com o “diferente”, assim os limites tornam-se mais visíveis. O encontro com a alteridade pode ser observado da maneira singular no viagem. Antes que o contato com outras subjetividades é preciso da tradução, porque o cruzamento de um contexto a outros exige línguas novas, novos sentidos.

Os problemas e as dimensões que nós fomos estabelecendo, levaram a abordagem do exílio como problema complexo desde o campo dos estudos literários.

De esta maneira, nós observamos que quando se produz o retorno a sua pátria logo depois de um exílio, as lembranças ocupam um lugar central e a memória altera muitas áreas do espaço social. Esse que retorna procura e gera discursos novos, representa a presença do passado que atira de maneiras menos pensadas.

Nós analisamos a viagem do retorno do exílio do protagonista da novela, quem após ser exilado em Europa por vinte e quatro anos, retorna ao México durante o estágio da democracia, após a queda do PRI.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

Exílio:

Definir o exílio é um problema. Nas definições dos dicionários nós encontramos determinada intensidade semântica nos termos usados para definir o exílio, onde resultam significativas as noções de “terra”-“separação”-“fora de”. Nós advertimos, por um lado, o valor que tem para o sujeito a terra que habita em tanto lugar de arraigo pra desenvolver sua vida e todo o que isso implica, e por outro lado, o que desencadeia o ato de separação desta terra, o fato de ir “fora de”, fora do seu lugar. Também, nós observamos que no intento de precisar o conceito se torna mais complexo, usando assim termos análogos como “desterro” e “expatriação”. Isto tem a relação com as razões para que um sujeito seja exilado da sua terra: razões políticas. Dada esta miscelânea de palavras tão perto, ainda que diferente, procuramos uma maior precisão, a fim de distinguir o "exílio" do desterro, ostracismo, de expatriação. Estes termos produzem um cúmulo semântico que reviste ao exílio de uma conotação negativa: "pena", "punição que deve ser cumprida", "abandono", "distância", etc. Uma experiência que está ligada à punitiva, equivalente a pensar que ouve algum crime ou contravenção penal a ser "punido" com a "saída" da pátria, da própria terra para um lugar "outro", alheio e distante.

Exílio é um termo que teve conotações diferentes ao longo da história e foi estudado por várias disciplinas das ciências sociais. Grande parte da literatura e pensamento ao longo da história da humanidade foi formado a partir de exílio. Inumeráveis homens e mulheres tiveram que deixar suas terras em circunstâncias diferentes e de alguma forma continuar a viver em outro lugar. Como a experiência humana, suas pegadas são visíveis, muitas vezes, na literatura, por que a literatura representa um espaço para essas experiências.

Uma vez que não é fácil definir o exílio, nos propomos a estudar suas conotações históricas, políticas, culturais e religiosas.

Exílio na antiguidade: era a pena máxima ao que poderia ser submetido um sujeito humano. O conceito de exílio é central no pensamento grego clássico e pode ser visto nos escritos de Homero e na tragédia do século V. Com a continuidade da cultura grega sob o Império Romano se podem analisar os temas da identidade, do sentimento de pertença e do exílio. Para o mundo grego, o

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

fenômeno foi exilado como uma construção cultural que foi alterada ao longo do tempo, desde o ponto de vista socrático que considerava o exílio como algo vil e inaceitável para o cidadão grego, até a visão dos estoicos e cínicos que viram o exílio como a capacidade de exercer a autossustentação. Há recursos neste tópico na épica homérica, onde a distância da pátria como experiência do desterro implica perdas, principalmente da família, dos bens e dos deuses. Neste sentido, a "Odisseia" apresenta uma "poética da perda" de memórias e saudades, que desta oferece á literatura ocidental a emoção chamada de "nostalgia" como um estado adequado da situação de solidão e isolamento que impulsiona o exílio.

Tradição Medieval e Modernidade: para a tradição clássica e medieval, o exílio foi o pior castigo e pena capital do direito romano. Na Grécia e em Roma, o exilado foi privado de sua terra natal e, portanto, perdeu todos os direitos de sua família, bens e deuses. Na Idade Média, a pena máxima era de excomunhão, equivalente no contexto do tempo no exílio, no sentido de viver "fora de", fora da Igreja. Por exemplo, na literatura medieval, a "Canção do Mío Cid" é um evento emblemático do exílio e da perda que isso implica.

Nos estados modernos, a expulsão, o exílio e o autoexílio tornou-se prática comum tanto por motivos políticos ou religiosos. Praticamente toda a história ocidental é marcada por inúmeros casos de exilados.

Exílio visto de religioso: também desafiou nos que significa o exílio desde o ponto de vista religioso. Na Bíblia, no Antigo e Novo Testamento, o tema do exílio está presente com frequência. O primeiro caso importante é a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. E a partir daí, a história continua com o caso dos israelitas no Egito, que são exilados e prisioneiros. Para a tradição judaica o exílio é fortemente marcado pelo ano 598 a. C. quando milhares de judeus foram deportados na Babilônia. No Novo Testamento, é perceptível a fuga para o Egito da Sagrada Família, sob as ameaças do rei Herodes, que, então, exilou se por algum tempo. É a partir de São Paulo que a tradição judaico-cristã vê a existência humana como um exílio-separação da verdadeira vida (divina) e, portanto, a vida presente é concebida como um tempo de

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARANÁ

espera, como uma ante sala do o paraíso. Em todas a cartas de São Paulo contidos no Novo Testamento, é enfatizado que a morte e ressurreição de Jesus Cristo é uma garantia da possibilidade de que todos sejam salvos e possam desfrutar da vida eterna.

Assim também os místicos, consideram que a vida presente é um exílio, onde a existência encontra se separada a vida perdurável. Isto é o que expressa Santa Teresa de Ávila nos seus versos: “Vivo sem viver em mim/ e tão alta vida espero/que morro porque não morro...”

O retorno do exílio na novela “El Testigo”:

Na novela de Villoro a nostalgia é acentuada cada vez que o personagem se torna consciente de sua ausência. A pena de saber se ausente, junto com a certeza de inúmeras perdas, aumenta quando pode ver que a vida continua sem ele. Essa nostalgia é implantado além do pessoal e atinge diversas áreas. Há nostalgia por tudo aquilo que perdeu: terra, nação, cultura, história, instituições, direitos, afetos. Evoca constantemente um passado que não vai voltar.

A nostalgia por o exílio mostra uma série de valores incompreensíveis no presente e também adverte as consequências para o futuro. Na novela acabará por ser percebida em relação a um passado inacabado, com o sentimento de uma mente que flui para trás, pois tudo o que se descreve sobre o estado do país e da sociedade é expressa em termos de atraso e letargia, um passado truncado e incompleto.

Das conotações apresentadas até agora, parece que o tema do exílio tem sido o interesse de vários campos e sua magnitude tem levantadas expressões artísticas e intelectuais em todas as culturas e em todos os tempos. Nós pensamos que o ser humano é constituído como tal pela cultura, que ele é inseparável: é um ser cultural. Cada cultura tem suas raízes na terra, ou seja, em um determinado tempo e espaço. Ao rever a história, imediatamente detectamos inúmeras disputas de terra, pelo território. O homem precisa dessa filiação a sua terra, porque permite reforçar o sentimento de pertença e de identidade. Ele encontra suas raízes e sua vida se desenrola. Então o exílio é quebrar: arrancar de raízes, é tirar fora a alguém que devera continuar a sua vida em um espaço alheio. O conflito aumenta quando ele descobre que a vida é negada. E mesmo se tiver a

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

possibilidade de voltar, o exílio nunca termina. Mesmo retornando, o desejo de voltar a habitar a terra para recuperar a identidade é contínua.

A situação de exílio na história da humanidade é uma experiência humana indesejável e não intencional, representa um estado limite que estabelece a existência de uma poética da memória e nostalgia, o exílio sacraliza o passado. Para o indivíduo que atravessa na vida a situação de exílio, a nostalgia, a tristeza permanente, a ansiedade e incompreensão são elementos constituintes.

O exilado é aquele que define a sua existência a partir de ausências. Ele está ausente no passado que ele não conseguiu viver, está ausente no presente porque vive neste adivinhar o que poderia ter acontecido como sua vida se ele tivesse ficado. Estas ausências impedem considerar um futuro, pois ele resultará incerto. Então: como você constrói a figura do exilado? Visto desta perspectiva, o exilado é alguém que vive entre versatilidade e indeterminação, é um sujeito que vive no "intermédio", não pertence "aqui" nem "lá". A única certeza que temos é que o exílio é uma experiência irreversível, da que não há volta atrás. Ele vive em meio a uma ambiguidade trágica entre a sua situação e a esperança de retorno. Portanto, nós detectamos elementos inevitáveis que se tornam problemáticas em cada exílio: a identidade, a memória e a nostalgia.

Na novela, a figura do exilado se apresenta como um sujeito excluído da sociedade que vai usar essa condição para produzir outros discursos para além dos estabelecidos pela hegemonia. O exilado é alguém que olha para a distância ainda distante, o que vê é estranho e alheio. Pensamos que esta figura é uma estratégia do autor para desafiar o estabelecido, a história, as instituições, a política, a cultura, o papel do intelectual, o papel do escritor, o lugar da América Latina em relação à Europa.

Agora, se disse antes que o exílio nunca termina, mesmo quando pode regressar; para que volta então o protagonista? A narração tem lugar precisamente a partir deste retorno. Supomos que o retorno tem várias funções na obra. Tanto o tempo e a distância são fatores críticos para que a realidade possa produzir um efeito impressionante. O fato de ter se ido duas décadas fora do México possibilita que –na frente de um retorno– suas formas de perceber sejam distintas das dos outros, os que permaneceram no país.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Ser um “exilado” é uma condição que é assumida ao longo do tempo. Na obra, o protagonista retorna quando o PRI perdeu as eleições, ou seja, seu retorno ocorre em uma transição para a democracia.

Quando volta, o faz como um turista, estrangeiro: "*xenos*" termo grego designa tanto ao estrangeiro- não cidadão, como um hóspede protegido-refugiado.

Sugerimos que a viagem começa com seu retorno. Uma vez em sua terra natal vai começar uma série de viagens para o passado com um olhar particular. Nós interpretamos que são olhares de retorno que o conduzem a rever a história nacional e pessoal, as questões sociais, o papel dos meios de comunicação de massa, etc. É um olhar que duvida sempre, questiona até os detalhes porque o estar longe tanto tempo Le faz ver aquilo que foge da mirada dos demais, sente o desconcerto e é difícil pra ele reinserir se num país que agora é diferente.É um olhar que se sente um estranhamento combinado com a nostalgia, sua memória permanece ativa porque, para ele, desenterrar o passado, tornou-se um exercício diário; é também um olhar que compara, porque tem vivido mais de vinte anos “europeus” . As miradas do retorno tem a função de incomodar, porque quem mira é alguém que vem de fora e pra quem o tempo ficou congelado nas lembranças da sua memória. Então acredita que pode voltar a as coisas da mesma maneira que as deixou. É aqui donde o discurso se agita e decorre: aquele que volta já não é o mesmo, o país ao que retorna não é o mesmo. E são esses câmbios que nota no presente que o conduzem ao passado, pois em tudo momento resumam os ecos dum passado que reclama atenção.

Consequentemente, o olhar contrastivo revelar mudanças, reviravoltas, conflitos históricos, contradições, fissuras e outras infinitas possibilidades. Por uma viagem ao passado, em um caminho de descida para a história, as memórias, no meio do caos pós-moderno.

O tempo aparece na tensão entre as experiências do passado e do presente, é por isso que a memória é para o exilado um dispositivo desde o qual percebe os fatos, memória que esta atenta a todos os acontecimentos.

Finalmente, observamos que a experiência do exílio implanta com força seu peso histórico, que além de denunciar um leitmotiv importante na literatura, pode ser revisto a partir de sua estrutura

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

político-ideológico. Nossa leitura tentou refletir a importância do tema na sociedade contemporânea.

Se Villoro oferece-nos ir a partir do olhar do exilado alguma representação da realidade latino-americana, encontramos uma ocasião apropriada para pensar deste lugar nossa cultura. E este por sua vez, terá um diálogo com o passado, a tradição, buscar quais são as nossas nostalgias. Acreditamos que a novela mostra toques de nosso tempo presente, as nossas cidades, e as formas de viver a cultura.

Finalmente, propomos para articular os assuntos estudados com os postulados de Yuri Lotman (1996), a partir de uma interpretação semiótica.

A viagem na literatura é uma viagem de sinais. Nós interpretamos que a novela "El Testigo" inclui uma série de semiosferas que estão desenhando suas próprias fronteiras. Nós vemos a viagem como metáfora semiótica.

O semiologista Yuri Lotman (1996) define como semiosfera "continuum semiótico", o ambiente da linguagem onde se faz possível a produção de sentido. Ali se conforma um universo e um espaço semiótico, fora dele não seria possível o sentido. Para melhor compreender esta operação, o conceito de fronteira é especialmente relevante. Embora o termo tenha muitos significados, Lotman postula uma fronteira semiótica.

Na novela temos tradução a cada momento, porque voltar à pátria tem o significado de afrontar experiências que precisa de tradução constante para que o contato entre diferentes semiosferas possa adquirir significado. O olhar para trás é apresentado como uma boa oportunidade para reconstruir o passado e gerar outros discursos que permitem novas perspectivas para o presente.

A conformação de um universo semiótico e o traçado de suas próprias fronteiras são processos simultâneos. É importante destacar a relevância do olhar, porque a borda é desenhada dependendo de onde você olha. Em "El Testigo", o protagonista cruza fronteiras que não são apenas geográfica, mas, acima de tudo, semiótica, simbólica. Sua presença implica que as fronteiras se atravessam empregando continuamente mecanismos de tradução. Cada contato com algo do passado, todos os reencontros, cada lembrança, agita todo o espaço semiótico. E assim se faz dinâmica e constante a produção de novos textos, de novos sentidos.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Ao abordar a experiência do exílio a partir da literatura analisamos como se produz o funcionamento da memória desde a abordagem semiótica, realçamos os diálogos que se desdobram em uma cultura e suas múltiplas interações. Na narrativa de Villoro se utiliza com grande intensidade: o encontro com o outro é um caminho inevitável quando se trata de definir, em profundidade, sua própria identidade. Em "El Testigo" aparece uma oportunidade para definir a identidade através do diálogo com a alteridade. É no contato com os outros, quando a identidade podem se exercer com novo potencial e perceber suas particularidades. Neste dinamismo interpretamos o valor único de cada cultura.

O trabalho da memória na construção da identidade na novela se torna mais complexo com a condição de exilado que vive da nostalgia que o passado produz nele, experimenta como um tempo evocado e perdido. É uma saudade própria do exílio, que na medida em que percorra a estrada do passado começa a advertir sob o futuro.

Em suma, a viagem oferecida pela literatura é também testemunho do caráter permanente e cambiante da cultura. A novela de Villoro nos convida a pensar a partir da literatura, o que é e como afetam os exilados em América Latina.

Na conjunção de exílio-memória-identidade podemos adentrar, através da narrativa de Villoro, na intimidade do exilado, nas dinâmicas semióticas que tem muito a ver com nosso passado nacional e latino americano. É no íntimo da memória do homem que foi rejeitado da sua terra donde a história cobra uma nova significação, as nostalgias voltam ao presente, sendo assim parte constitutiva da sua realidade atual, porque o exilado ficará signado por essas experiências, e ainda de volta na sua terra, à pátria já não é a mesma.